



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS IV**

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

MARIA VALDELÂNIA DA SILVA SERAFIM

**A CONDIÇÃO FEMININA EM “A IMITAÇÃO DA ROSA”, DE CLARICE
LISPECTOR**

**CATOLÉ DO ROCHA
2021**

MARIA VALDELÂNIA DA SILVA SERAFIM

**A CONDIÇÃO FEMININA EM “A IMITAÇÃO DA ROSA”, DE CLARICE
LISPECTOR**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado Departamento de Letras e Humanidades (DLH) do Curso Licenciatura Plena em Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo

**CATOLÉ DO ROCHA
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S481c Serafim, Maria Valdelânia da Silva.
A condição feminina em "A imitação da rosa" de Clarice Lispector [manuscrito] / Maria Valdelania da Silva Serafim. - 2021.
30 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2021.
"Orientação : Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo , Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."
1. Clarice Lispector. 2. Imitação da rosa. 3. Condição feminina. 4. Submissão. I. Título

21. ed. CDD 340

MARIA VALDELÂNIA DA SILVA SERAFIM

**A CONDIÇÃO FEMININA EM “A IMITAÇÃO DA ROSA”, DE CLARICE
LISPECTOR**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades (DLH) do Curso de Licenciatura Plena em Letras – Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras – Português.

Aprovada em: 08 / 10 / 2021.

BANCA EXAMINADORA

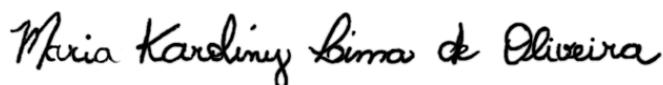


Responsável pelo preenchimento

Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. Vanessa Narel Pereira de Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Maria Karolina Lima de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu irmão, Izaias Serafim de Lima Neto, pois foi ele que sempre acreditou que eu seria capaz de concluir o curso, foi dele os puxões de orelha que serviram para que eu percebesse que era capaz de fazer o meu trabalho e chegar até aqui; às minhas tias Maria (Diinha) e Rita (Ritinha) (*in memoriam*), DEDICO.

Ela estava sentada com o seu vestidinho de casa. Ele sabia que ela fizera o possível para não se tornar luminosa e inalcançável. Com timidez e respeito, ele a olhava. Envelhecido, cansado, curioso. Mas não tinha uma palavra sequer a dizer. Da porta aberta via sua mulher que estava sentada no sofá sem apoiar as costas, de novo alerta e tranquila como num trem. Que já partira. (LISPECTOR, 2009, p.53).

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. A ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR E OS LAÇOS DE FAMÍLIA	12
3. NOTAS SOBRE A CONDIÇÃO FEMININA NA SOCIEDADE	16
4. REPRESENTAÇÕES DA CONDIÇÃO FEMININA EM <i>A IMITAÇÃO DA ROSA</i> : IDENTIDADE E SUBMISSÃO	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27
AGRADECIMENTOS	29

A CONDIÇÃO FEMININA EM “A IMITAÇÃO DA ROSA”, DE CLARICE LISPECTOR

THE FEMALE CONDITION IN "THE IMITATION OF THE ROSE", BY CLARICE LISPECTOR

Maria Valdelânia da Silva SERAFIM*

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal analisar a condição feminina representada através do conto *A Imitação da rosa* de Clarice Lispector, o qual foi publicado originalmente na coletânea *Laços de família* (LISPECTOR, 2009) nos anos 60. O conto, que narra o cotidiano de Laura, uma mulher casada que busca manter incessantemente o equilíbrio do seus dias, nos apresenta o contraponto entre a experiência feminina submissa e anulada frente à existência de Carlota, mulher que é também casada e submissa, mas mantém um comportamento mais altivo e decidido. Para a construção do estudo, buscamos aporte em Gotlib, Bosi, Martins e outros. Sendo assim, constitui-se como uma pesquisa bibliográfica, de análise literária, que se baseia na interpretação qualitativa do texto literário. A pergunta que norteia a pesquisa é: como é representada a mulher brasileira na contística de Clarice Lispector tomando como objeto central o conto “A imitação da rosa”? Diante disso, podemos considerar que Laura é a representação de diversos estereótipos de mulher casada, especialmente pela submissão, silêncio e pela própria anulação do desejo, identidade e também perspectiva de vida. É, portanto, representada vivendo a mesmice do cotidiano, enfrentando o medo de que haja em seu dia reviravoltas ou súbitos retornos ao passado.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Imitação da rosa. Condição feminina. Submissão.

ABSTRACT

The main objective of this article is to analyze the female condition represented through the short story *Imitation of the rose* by Clarice Lispector, which was originally published in the *Family Ties* collection (LISPECTOR, 2009) in the 60s. The short story, which narrates Laura's daily life, a married woman who incessantly seeks to maintain the balance of her days, presents us with the counterpoint between the submissive and nullified feminine experience in front of the existence of Carlota, a woman who is also married and submissive, but maintains a more haughty and decisive behavior. For the construction of the study, we sought input from Gotlib, Bosi, Martins and others. Thus, it is constituted as a bibliographical research, of literary analysis, which is based on the qualitative interpretation of the literary text. The question that guides the research is: how is the Brazilian woman represented in Clarice Lispector's short story, taking as its central object the short story “A imitação da rosa”? Therefore, we can consider that Laura is the representation of different stereotypes of a married woman, especially due to her submission, silence and the annulment of her desire, identity and perspective

* Graduada em Letras – Português pela UEPB; E-mail: vandaletrasuepb@gmail.com

on life. She is, therefore, represented as living the sameness of everyday life, facing the fear that her day will have upheavals or sudden return to the past.

Keywords: Clarice Lispector. Rose imitation. Female condition. Submission.

1 INTRODUÇÃO

Clarice Lispector foi uma das mais importantes escritoras do Século XX no Brasil. Sua obra, composta por romances, contos, crônicas, poemas e textos infantis, se destaca em meio à cena literária modernista. Nascida na Ucrânia, mas naturalizada brasileira ainda na infância, teve seu reconhecimento a nível nacional durante a terceira fase do Modernismo brasileiro, tendo “Perto do coração selvagem” (sua obra de estreia, publicada em 1944) e “A maçã no escuro” como obras baluartes de sua produção.

Neste artigo, iremos estudar o conto “A Imitação da rosa” que está presente no livro “Laços de Família”(LISPECTOR,2009) publicado originalmente em 1960.A orientação da pesquisa se dá por meio dos seguintes objetivos: a) analisar a representação da mulher no conto “A Imitação da Rosa” de Clarice Lispector; b) compreender quais estereótipos de ser mulher aparecem no conto; c) descrever como a escritura do conto produz críticas ao papel da mulher na sociedade brasileira. A partir desses objetivos, podemos nos perguntar: como é representada a mulher brasileira na contística de Clarice Lispector tomando como objeto central o conto “A imitação da rosa”?

Para alcançarmos os objetivos propostos e respondermos a tal questionamento, construímos o artigo por meio de uma pesquisa bibliográfica cuja análise é majoritariamente qualitativa e interpretativa. Nesse sentido, nos apoiamos nas considerações de Bosi (1989), Coqueiro e Segato (2012), Martins (2010), Gotlib (1994), e preponderantemente as contribuições de Judithe Butler (2003) no que tange às questões sobre a condição feminina em nossa sociedade e os papéis que o sujeito mulher é impelido a cumprir frente às diversas pressões estéticas e comportamentais de nossa cultura, bem como outros autores e autoras. Esses estudiosos e estudiosas tecem considerações sobre a escritura de Clarice, tendo como foco especial a obra *Laços de Família* e o conto *A Imitação da rosa*, nosso objeto de estudo.

Nossa pesquisa se justifica, diante disso, por dois pontos importantes: i) a proeminente importância de Clarice Lispector para consolidar o espaço da mulher na

literatura brasileira, como também a força de sua escritura na tematização de questões pertinentes à vida feminina, tal como questões de gênero, sexo, violência, submissão e desejo; ii) o contato que, durante a graduação, tivemos com os textos de Clarice Lispector, o que nos trouxe tanto o ímpeto leitor quanto pesquisador para transitar na sua escrita através de análises literárias.

Dessa maneira, organizamos o estudo da seguinte maneira: inicialmente, traremos um apanhado teórico que busca descrever alguns aspectos da escrita clariceana, tomando como norte o estilo, as temáticas e as personagens femininas. Posteriormente, trazemos notas teóricas sobre a construção das condições femininas em nossa sociedade, apontando, historicamente, certas identidades construídas para a mulher. Logo em seguida, traremos a análise do conto que nos é objeto de estudo apontando, por meio de trechos, as representações de mulher que nele se encontram, explorando, essencialmente, as personagens Laura e Carlota.

2. A ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR E OS LAÇOS DE FAMÍLIA

A coletânea de *Laços de família* (LISPECTOR, 2009) é composta por treze contos. Todos eles trazem em suas narrativas personagens femininas que experienciam o cotidiano do *ser mulher*. Segundo Gotlib (1994) podemos considerar essa tematização da vida da mulher um dos principais fios da escritura de Clarice Lispector. Seria esse um dos traços que atravessa todas as obras da autora e, em especial, os seus contos.

Na coletânea, com exceção do conto *Uma galinha*, as personagens principais são todas mulheres. No entanto, é importante mencionar que consideramos a galinha e as experiências desta ali narradas como uma alegoria da experiência do ser mulher no nosso país. Nessa perspectiva, pensamos que é comum a todos os contos do livro certos lugares sociais das mulheres, tais como o papel de esposa, mãe, muitas vezes enclausurada no lar, atarefada em serviços domésticos, vivendo em certa medida ao redor do marido e dos filhos.

De acordo com Martins (2010, p.2):

Laços de Família, de 1960, insere num plano mais amplo, é ele fruto da maturidade de Clarice, como mãe, como esposa, como mulher, da sua percepção sobre as relações entre a mulher e a sociedade brasileira.

Tomando como norte essa afirmação do estudioso, consideramos que os contos de *Laços de família* refletem a própria vida de Clarice e o modo como a escritora encarou a experiência do cotidiano materno, ocupando o lugar de esposa em um recorte de tempo da sociedade brasileira no qual, por mais que repleto de avanços nas posições que mulheres podiam ocupar, ainda era repleto de machismo e misoginia.

Nessa perspectiva, Martins (2010, p.3) ainda comenta que “ *Laços de Família* trata das questões que envolvem a família, sua estrutura e principalmente como a inserção da figura da mãe-mulher se encontra e se vê quando mergulhada em seu cotidiano”. Por essa razão, a narrativa de alguns contos como *A Imitação da rosa* e *Feliz aniversário* tematizam mulheres em situações tais como o cuidado do lar e dos afazeres (caso de Laura) e também em situações com os filhos e as formas de ser mãe.

Estruturalmente, segundo Martins (2010), os contos da coletânea seguem um fio mais ou menos em comum, tendo como centro a abrupta interrupção do cotidiano e/ou o retorno a ele. A grande maioria dos contos, ainda segundo o estudioso, têm o foco narrativo em terceira pessoa, caracterizado por narradores oniscientes, os quais são capazes de desvendar os interiores das personagens, o que chega a produzir dois movimentos: um primeiro de intimidade entre narrador e personagem feminina, e um outro de puro distanciamento, em que há uma certa análise crítica daqueles comportamentos. (MARTINS, 2010).

Ainda segundo o estudioso,

Esta “cumplicidade”, ou adesão, é conseguida através do discurso indireto livre e do fluxo de consciência dos personagens, recurso largamente usado por Clarice e fonte de polêmicas entre a crítica. Este procedimento faz com que a autora se aproxime ainda mais das personagens e se apegue aos detalhes sensíveis. Deste modo, as figuras femininas são representadas femininamente pela narradora sem que pareça uma racionalização da expressão. (MARTINS, 2010, p.3)

Concordando com algumas destas assertivas, Coqueiro e Segato (2012, p.1) nos informam que, através das narrativas de *Laços de família*, Clarice Lispector

[...]representa mulheres que protagonizam, no contexto familiar e no ambiente doméstico, uma crise entre a condição de submissão e

inferioridade que lhes legam a tradição patriarcal e uma experiência de libertação provocada por súbitos momentos de epifania.

A epifania, neste caso, é um dos principais recursos literários da escritora, que em boa parte de suas narrativas utiliza o momento epifânico como clímax, mostrando em especial a descoberta da mulher por ela mesma, o que seria uma espécie de autoconhecimento produzido pelo estranhamento.

Ainda nessa discussão, Coqueiro e Segato (2012) concordam com a posição de Martins (2010) ao afirmarem que está entre os interesses mais nítidos de Clarice Lispector a narrativa da vida das mulheres na ordem social, cultural e também identitária, norteando em certa medida sua escrita para interrogar a posição ocupada por esses sujeitos em nossa sociedade. Assim, vemos narrativas que viabilizam, por exemplo, discussões de gênero, sexualidade e também políticas. É comum, também, a pauta identitária nas narrativas de Lispector, pois os sujeitos mulher ali presentes em muitos casos estão em relações muito complexas em seus interiores e também exteriores. (COQUEIRO e SEGATO, 2012).

Nesse sentido, as estudiosas afirmam que, através de sua escrita (em especial na contística),

[...] a escritora questiona, com muita ironia, o modelo familiar imposto pela tradição patriarcal, na qual a mulher, condenada à imanência, fica reduzida ao espaço privado e à vida doméstica, impedindo-a de atingir sua plenitude existencial. (COQUEIRO e SEGATO, 2012, p.5).

Por isso, estudos atuais sobre a posição da mulher e os modos como muitas vezes o sujeito feminino é tornado objeto dos homens, tomam em diversas situações os escritos de Clarice Lispector como campo de análise. O tom irônico de sua escrita faz funcionar no leitor uma análise da própria experiência social de gênero, isto é, a condição feminina (muitas vezes tematizada fora do espaço público nas narrativas de Lispector) é representada e posta à prova através de personagens que se descobrem ou se perdem nas relações que os rodeiam.

Ao tratarmos dessa escrita irônica, recorreremos a Bosi (1989, .474) que afirma sobre Clarice Lispector:

É marca da autora a sutileza do humor, da ironia, uso diferenciado dos tempos verbais, utilização do discurso indireto livre, a fim de desencadear monólogos interiores com o objetivo de provocar, na personagem, o fluxo de consciência, bem como a utilização de figuras de linguagem como a metáfora insólita, “que valem como sintomas de crise da ficção introspectiva.

Diante disso, podemos compreender que existe na narrativa de Clarice um movimento de introspecção que funciona como uma busca de si, ou uma perda. As personagens em suas consciências divagam descobrindo seus lugares ou então desacreditando que existam. Como afirma Bosi (1989), o discurso indireto livre é marcante na narrativa da escritora no sentido de que é quase uma marca registrada. É, então, através dele, que o tempo dos contos, por exemplo, é notadamente psicológico.

Coqueiro e Segato (2012, p.3) comentam, ainda, que as personagens clariceanas defrontam-se necessariamente com a produção de suas identidades, ou seja:

Assim, mesmo sem querer e sem entender, essas personagens, inesperadamente, se deparam com o mistério, com o imprevisto, buscando em elementos exteriores e naturais, o seu interior, a sua identidade, a fim de fugir dessa existência moldada pelas convenções sociais.

O mistério mencionado pelas estudiosas revela-se, ou se desfaz, em muitas vezes através do momento de epifania, o qual ocorre na descoberta externa da própria existência (tal como no conto *A Imitação da rosa*, em que a personagem Laura descobre-se somente diante da beleza das rosas). Pensando nisso, concordamos com Helena (1997, p.27) ao afirmar que Clarice aciona o feminino como uma espécie de mote, o qual permite “não só a singular emergência da mulher na sociedade, marcada por enorme repressão, mas principalmente para recolocar a questão da mulher e a da inscrição do sujeito na história”.

Para a estudiosa, as personagens de Clarice estão tomadas por um aspecto interessante: elas são incapazes de gerar a própria autonomia (HELENA, 1997), isto é, ocorre a necessidade de uma relação externa (como por exemplo o caso de Laura e as rosas) para que a mulher encontre o que é, e possa a partir daí viver a plenitude ou a busca pelo descerramento das amarras sociais que a prendem e em muitos casos a impedem de ter uma vida própria e independente da ótica masculina.

Nessa orientação, é importante considerarmos que Clarice é simbólica pelo modo como utiliza a linguagem, a qual, de acordo com a posição de Nunes (1989, p.145) se reflete numa escrita “[...] conflitiva, autodilacerada, que problematiza, ao fazer-se e ao compreender-se, as relações entre linguagem e realidade.” Assim, no

entremeio dessas especificidades da obra Clariciana, partimos para discutir algumas questões sobre gênero e condição feminina em nossa sociedade.

3. NOTAS SOBRE A CONDIÇÃO FEMININA NA SOCIEDADE

Ao pensarmos sobre o sujeito mulher na nossa sociedade retomamos diversas formas de memória, dentre as quais destacam-se o lugar de mãe, de esposa e o enclausuramento ao espaço privado do lar. Em sua obra *O segundo sexo*, Simone de Beauvoir (1967) lançou, dentre muitas considerações, a famosa frase: ninguém nasce mulher, torna-se mulher. É nesse sentido que podemos pensar o lugar do sujeito feminino na nossa cultura como atravessado por signos e modos de ser *performáticos*, como assevera Judith Butler.

Judith Butler tornou-se, nessa perspectiva, uma referência essencial para pensar a constituição ou construção das feminilidades enquanto signos performáticos (ou como diz a autora, performatividades (BUTLER, 2003)). A partir das considerações da filósofa, vamos discutir algumas questões sobre a condição feminina em nossa sociedade, primando pela relação que existe entre matrimônio, feminilidade e posição social.

Butler (2003) ressalta que a construção histórica das identidades femininas advém necessariamente da relação que estas possuem com as masculinidades. É que no nosso pensamento Ocidental binário, a lógica racional constitui sempre pares e em alguns casos são opostos perfeitos que se complementaríamos: o homem seria forte, a mulher frágil; o homem seria bravo, a mulher dócil; e por aí vai. A constituição da mulher, nessa ótica, perpassa sempre um ambiente de desvalor frente ao lugar do homem.

O patriarcado – estruturação social que gira em torno das masculinidades compulsórias, como afirma Butler (2003), funcionaria a partir da desvalorização e do controle dos sujeitos mulheres, delegando espaços, papéis, comportamento e subjetividades a estes corpos, muitas vezes enclausurados em espaços privados.

Pensando tais questões, Butler (2003) afirma que há duas maneiras de encarar a construção do sujeito feminino: por um lado tomando como fato natural, o que ligaria a identidade e a performance de gênero à genitália e ao corpo biológico em si. Diante dessa constatação, a filósofa ainda nos leva a considerar que, em certa

medida, essa visão biológica do gênero contribui historicamente para violências simbólicas contra as mulheres, bem como psicológicas, patrimoniais e físicas.

De outro lado, a autora nos informa que ser mulher pode ser vista como uma construção cultural, isto é, a performatividade feminina é atravessada por imperativos e normas sociais que enquadram as identidades, produzindo os comportamentos, os movimentos e as subjetividades através de signos que inclusive antecederiam o nascimento, tais como brinquedos, vestimentas e outras amostras culturais. (BUTLER, 2003).

Nessa ótica, Alembert (2004, p.27), em sua obra *A mulher na história*, afirma que:

Na aurora da humanidade não podemos falar na existência de desigualdades entre o homem e a mulher. Naquele tempo, não existiam povos, nem Estados separados; os seres humanos viviam em pequenos grupos (hordas) e, depois em famílias e tribos. (...) os seres humanos tinham que se manter agregados, solidários entre si, para sobreviver e se defender dos animais ferozes e das intempéries. Quem se marginalizava perecia. Logo, não havia uma superioridade cultural entre homens e mulheres.

Diante disso, podemos perceber que os lugares desvalorizados atribuídos às mulheres em nossa sociedade são resultado de uma construção histórica patriarcal que investiu na submissão feminina como uma forma de perpetuar ideais, poder e também alicerçar crenças religiosas que marginalizam o ser mulher.

Tratando dessas marginalizações, Butler (2003) nos aponta que há em nossa sociedade um processo cultural de patologização do feminino. Lypovetski (1997) nos ajuda a pensar essa questão ao trazer um curso histórico das mulheres no ocidente. O autor indica pelo menos três formas de “ser mulher” em nossa história, todas fincadas em certos ideais dos momentos de sua construção: há em certo instante da história a mulher como fonte do mal, noutro a mulher como virgem, noutro a mulher como símbolo do futuro ou da destruição e ainda uma certa regularidade quanto à maternidade.

Veremos que a maternidade aparece no conto *A Imitação da rosa*. Laura não é mãe e em determinado trecho esse fato emerge como uma espécie de incomodo, pois, como afirma Lypovetski (1997), a maternidade é uma espécie de signo-fixo que assinala o corpo da mulher em sua condição biológica, social, cultural e também frente ao homem. Ser mãe, então, estaria no cerne das relações e/ou funções da mulher na sociedade Ocidental.

Nessa perspectiva, ao pensarmos o conto *A Imitação da rosa* concordamos com Martins (2010, p.5) quando o autor afirma que, na narrativa,[...] estamos vendo Laura se conhecer, estamos observando uma mulher se indagando e procurando identidade, violamo-la e agora a narrativa poderá pulsar de maneira diferente”, porque seria aquela uma personagem que não necessariamente está subjugada ao cotidiano do lar, mas busca incessantemente performar esse lugar de descrédito, silêncio e submissão como que assumindo tal postura a fim de ser mais mulher pela identificação com esses papéis de gênero.

Observando por esse plano, Barbosa (2001, p. 147) afirma que “Lispector examina a linguagem, dilemas existenciais, divisão de classes, problemas raciais e conflitos entre os sexos como intersecções de um mesmo discurso social”., ou seja, Clarice põe para funcionar através de suas narrativas questionamentos sobre as performatividades do gênero feminino, indagando pela ironia da linguagem os papéis nos quais as mulheres são enquadradas historicamente em nossa sociedade.

Esse fato se deve, na nossa opinião, pelo contexto histórico da escrita dos contos: final dos anos 50, uma certa revolução dos lugares sociais de gênero começa a reverberar em diversas esferas. As pautas feministas, segundo Butler (2003), colocam a mulher no âmbito da política e isso faz com que se questione os discursos e as relações sociais que os impregnam de misoginia e machismo.

Dando continuidade, é importante ressaltar que as maneiras como se constituem hoje em dia as identidades femininas são diferentes da época em que Clarice Lispector escreveu os contos de *Laços de família*. Na atualidade, o discurso sobre os papeis da mulher já avançou profundamente, ao ponto de que um sujeito como Laura, personagem principal de *A Imitação da rosa*, não ser bem vista em sociedade. Nessa perspectiva, Vieira (2005, p.210) comenta que:

As diferentes ordens do discurso, responsáveis pelas mudanças dos sujeito, constituem a identidade feminina e, por estarem submissas a momentos históricos específicos, abrigam experiências particulares, emoções e vivências culturais que permitem a construção social da subjetividade da mulher.

Nesse sentido, podemos pensar que, ao narrar diversas personagens como Laura e Carlota, Clarice nos traz a percepção de como era experiência feminina e já ensaia a ironia que se constituiu diante daquele quadro cultural em que a submissão era naturalizada e pouco questionada. Frente a tal consideração, Vieira (2005, p.210)

ainda argumenta que “Cada época, a seu modo, influencia o sujeito na forma de pensar e agir. Ao passarmos os olhos pela história da humanidade, percebemos que alguns períodos marcaram profundamente a construção da identidade (...)” e nessa ótica a condição feminina é atravessada por um componente histórico e cultural muito marcante.

Mary Del Priori, em sua obra *História das mulheres no Brasil*, nos traz um panorama de como as mulheres foram sendo construídas no nosso país a partir das relações com o universo masculino, a maternidade, a religião e os espaços. Nesse decurso, Del Priori (2004) nos faz perceber e concordar com Butler (2003) que a história do feminino é um traçado de invisibilidades, coações e exercícios de poder. A historiadora argumenta que em todas as épocas históricas o feminino foi apresentado em relações de submissão, de segredo e silêncio e que, em parte, essas maneiras de ser mulher têm sido contestadas graças as lutas políticas da atualidade que se pautam no questionamento das performatividades de gênero. (DEL PRIORI, 2004; BUTLER, 2003).

4. REPRESENTAÇÕES DA CONDIÇÃO FEMININA EM A IMITAÇÃO DA ROSA: IDENTIDADE E SUBMISSÃO

Neste capítulo realizaremos a análise do conto *A Imitação da rosa*. Partiremos de uma breve descrição e resumo da narrativa e tomaremos alguns trechos do texto que indicam ou nos trazem a impressão de revelar certos estereótipos da condição feminina, marcadamente visíveis no comportamento e nos sentimentos de Laura, bem como na maneira como a personagem fala sobre Carlota, sua amiga.

O conto trata de Laura e seu esposo Armando. Não existem descrições explícitas sobre a idade ou sobre os portes físicos de ambos. A trama gira em torno dos pensamentos de Laura, que aparentemente recuperou-se faz pouco tempo de alguma doença psiquiátrica. O narrador onisciente nos dá pistas de que Laura teria sido inclusive internada em alguma clínica para tratar-se. A personagem em diversos momentos rememora o antes, momento em que era repleta de atenção do marido e de amigos, pois ela não estava em sua saúde plena.

O conto se desenrola com pequenos episódios em fluxo de consciência, nos quais Laura ou recobra ou projeta situações com seu esposo e amigos (Carlota e seu

esposo). Em determinado ponto da narrativa, a personagem está em seu apartamento e observa um conjunto de rosas que comprou na feira (diz ela que não por vontade própria, mas por insistência do vendedor). Por um instante, Laura admira-se da beleza exuberante das rosas e sente o ímpeto de dá-las a sua amiga Carlota como um gesto de carinho e também de audácia.

Ao tomar essa decisão e convocar Maria, sua empregada, a levar as rosas para Carlota, um episódio de profunda agitação se desenrola: Laura sente ímpetos de não mais mandar as rosas e ficar com elas, pois, afinal eram dela. Ao fim, Laura envia as rosas e senta-se no sofá. Os sentimentos e os pensamentos descritos nos contos nos levam a considerar algumas representações da condição feminina na narrativa de Lispector (2009).

Leiamos o excerto abaixo:

Antes que Armando voltasse do trabalho a casa *deveria* estar arrumada e ela própria já no vestido marrom para que pudesse atender o marido enquanto ele se vestia, e então saíam com calma, de braço dado como antigamente. Há quanto tempo não faziam isso? (LISPECTOR, 2009, p.34)(grifos nossos)

Podemos perceber que a personagem Laura tem sua vida circunscrita na relação que mantém com seu esposo. Ela cumpre (observemos o termo *deveria*) deveres para com seu marido, isto é, seu dia-a-dia gira em torno somente do matrimônio e sua identidade vai se delineando a partir da existência de Armando. Seu tempo, por exemplo, é organizado em torno do tempo de seu cônjuge. A narrativa já nos aponta alguns comportamentos que são esperados da mulher em relações conjugais. Tomamos ainda o próximo trecho para comprovar essa afirmação: “[...] *ela olhando como uma esposa pela janela*, o braço no dele, e depois jantariam com Carlota e João, recostados na cadeira com intimidade.” (LISPECTOR, 2009, p.34)(grifos nossos).

Essa condição de mulher esposa se revela pungente na identidade de Laura. Existe um comportamento de esposa que é esperado por parte da sociedade. Atitudes como andar com o braço atado ao do esposo, ou recostar-se com intimidade partem de uma certa idealização do matrimônio, algo que é bastante comum na experiência ocidental feminina, como assevera Butler (2003).

No próximo trecho, podemos perceber que o homem é o centro da relação narrada no conto. A mulher está, tanto na imagem de Laura quanto de Carlota, como uma auxiliar, uma espécie de apêndice do homem. Não se vê um sujeito com identidade própria, dona de si, mas uma personalidade que só se exerce no papel de secundária, silenciada. Observemos:

A paz de um homem era, esquecido de sua mulher, conversar com outro homem sobre o que saía nos jornais. Enquanto isso ela falaria com Carlota sobre coisas de mulheres, submissa à bondade autoritária e prática de Carlota, recebendo enfim de novo a desatenção e o vago desprezo da amiga, a sua rudeza natural, e não mais aquele carinho perplexo e cheio de curiosidade – e vendo enfim Armando esquecido da própria mulher.(LISPECTOR, 2009, p.34).

O modo como a personagem descreve o homem revela muito mais sobre a mulher. Enquanto o homem conversa sobre coisas de jornais, isto é, coisas de relevância social, do mundo da política, economia e saúde, por exemplo, as mulheres falam sobre *coisas de mulher*. Para Butler (2003) há conjunto de signos que são impostos às mulheres em nossa sociedade a fim de tornar suas personalidades padronizadas e silenciadas. Del Priori (2009), por sua vez, aponta que *coisas de mulher* podem ser lidos como comportamentos esperados e induzidos a esses sujeitos como forma de controlar suas subjetividades. Lypovetski (1997), por seu turno, argumenta que na nossa cultura ocidental o homem tem a mulher como uma espécie de objeto decorativo, o que se revela no conto pelo fato de Armando esquecer-se pacificamente da presença da esposa porque ela é em certa medida decorativa.

Essa condição muitas vezes decorativa aparece em outro trecho do conto. Enquanto está em frente ao espelho, Laura realiza um momento contemplativo. Nessa contemplação, a personagem é tem algumas características físicas apresentadas como as orelhas, a pele. O narrador utiliza-se da caracterização “graça doméstica” para referir-se à beleza da personagem. Podemos pensar que essa graça assim fincada no lar é resultado de uma constituição de condição feminina expressamente ligada ao ambiente privado da casa, dos afazeres domésticos, do comportamento de esposa submissa e fiel. Atentemos ao trecho:

Interrompendo a arrumação da penteadeira, Laura olhou-se ao espelho: e ela mesma, há quanto tempo? Seu rosto tinha uma graça doméstica, os cabelos eram presos com grampos atrás das orelhas grandes e pálidas. Os olhos marrons, os cabelos marrons, a pele

morena e suave, tudo dava a seu rosto já não muito moço um ar modesto de mulher. (LISPECTOR, 2009, p.35).

No entanto, a performance de esposa perfeita de Laura tem algumas “manchas”. Dentre elas, a falta da maternidade. Em nossa sociedade, um dos imperativos que mais atravessa a experiência da mulher é o fato de ser mãe. Através de Laura, Clarice Lispector nos faz pensar sobre esse fato que separa, em determinados pontos de nossa cultura, mulheres “abençoadas” das “malditas”. Há, como no caso de Laura, uma certa ofensa em não ser mãe. O trecho nos revela o sentimento da personagem quanto a isso: “Por acaso alguém veria, naquela mínima ponta de surpresa que havia no fundo de seus olhos, alguém veria nesse mínimo ponto ofendido a falta dos filhos que ela nunca tivera?”(LISPECTOR, 2009, p.35). Quanto à maternidade, Del Priori (2004) e Lypovetski (1997) concordam que sejam um dos maiores signos do feminino em nossa cultura, muitas vezes sendo tida como a *serventia* da mulher à sociedade. Às mulheres que não alcançam a maternidade, muitas vezes, resta situações de desprezo, degredo e ofensa. Tal pensamento tem sido revogado na atualidade, mas ainda se perpetua em muitas instâncias.

Outro ponto importante da condição feminina revela-se através de Laura: o imperativo da perfeição. Existem sobre o corpo feminino e seu comportamento um conjunto de expectativas de gênero, tal qual fala Lypovetski (1997), e dentre estas a premissa de ser cândida, comportada, silenciosa, metódica, organizada e tão mais perfeita quanto possa é uma das mais proeminentes. Vejamos no trecho a seguir como Laura é uma personagem que revela tal expectativa e performa isso:

Com seu gosto minucioso pelo método – o mesmo que a fazia quando aluna copiar com letra perfeita os pontos da aula sem compreendê-los – com seu gosto pelo método, agora reassumido, planejava arrumar a casa antes que a empregada saísse de folga para que, uma vez Maria na rua, ela não precisasse fazer mais nada, senão 1º) calmamente vestir-se; 2º) esperar Armando já pronta; 3º) o terceiro o que era? Pois é. Era isso mesmo o que faria. E poria o vestido marrom com gola de renda creme. (LISPECTOR, 2009,p.35)

A perfeição aqui, segundo o que podemos interpretar, é associada a uma certa apatia de personalidade, sem arroubos, sem explosões. O sujeito mulher perfeito é associado ao marrom da gola, uma cor sem vibração. É também a calma de vestir-se e esperar pelo esposo. A mulher perfeita, que Laura intenta encarnar, existe porque

existe o esposo. Por outro lado, a narrativa nos leva a conhecer o contraponto da personagem principal: sua amiga de infância, Carlota. O narrador as descreve fazendo paralelos, como no trecho a seguir:

que não fizera nunca com que Carlota, já naquele tempo um pouco original, a admirasse. A reação das duas sempre fora diferente. Carlota ambiciosa e rindo com força: ela, Laura, um pouco lenta, e por assim dizer cuidando em se manter sempre lenta; Carlota não vendo perigo em nada. E ela cuidadosa. (LISPECTOR, 2009, p.35)

Carlota, por mais que casada, era uma mulher oposta a Laura, pois tem personalidade própria. Laura anula-se tanto mais possa, enquanto Carlota faz questão de exercer-se enquanto pessoa. A subordinação de Laura torna-se ainda mais clara porque ela não somente se submete à existência do esposo, mas também a de sua própria amiga. Ambas revelam dois modos de ser mulher: uma acinzentada e apagada; a outra destemida e arrojada – por mais que ainda seja uma esposa troféu em determinadas instâncias.

A anulação de Laura revela-se, ainda, em outras situações, como por exemplo no ambiente do próprio lar. A personagem está enclausurada numa existência sem emoção, pois emocionar-se é um perigo. Existe um medo terrível em Laura de voltar a sentir-se inquieta, sem a paz da mesmice. Podemos, então, pensar que o momento da doença psiquiátrica tenha sido o mais próximo do furor de uma mulher livre que Laura tenha chegado e isso foi tratado como doença. O próximo trecho nos mostra como a personagem se anula inclusive no ambiente doméstico, em contraponto a Carlota que impregna inclusive sua casa com sua personalidade:

Sentou-se no sofá como se fosse uma visita na sua própria casa que, tão recentemente recuperada, arrumada e fria, lembrava a tranquilidade de uma casa alheia. O que era tão satisfatório: ao contrário de Carlota, que fizera de seu lar algo parecido com ela própria, Laura tinha tal prazer em fazer de sua casa uma coisa impessoal; de certo modo perfeita por ser impessoal. (LISPECTOR, 2009,p.37).

Laura, ainda, tem Carlota como uma espécie de referencial. Ela considera sua amiga como um alguém especial porque é vivaz e tem personalidade forte. O olhar de Carlota opera, por exemplo, como um crivo entre o que é razoável ou não. No trecho abaixo, podemos perceber uma outra formatação da condição de submissão de Laura,

desta vez tomando como referente o seu cotidiano e a possibilidade de ser chata com Armando. Observemos o trecho:

Carlota ficaria espantada se soubesse que eles também tinham vida íntima e coisas a não contar, mas ela não contaria, era uma pena não poder contar, Carlota na certa pensava que ela era apenas ordeira e comum e um pouco chata, e se ela era obrigada a tomar cuidado para não importunar os outros com detalhes, com Armando ela às vezes relaxava e era chatinha, o que não tinha importância porque ele fingia que ouvia mas não ouvia tudo o que ela lhe contava, o que não a magoava, ela compreendia perfeitamente bem que suas conversas cansavam um pouquinho uma pessoa, mas era bom poder lhe contar que não encontrara carne mesmo que Armando balançasse a cabeça e não ouvisse, a empregada e ela conversavam muito, na verdade mais ela mesma que a empregada, (...)(LISPECTOR, 2009,p.41)(grifos nossos)

A relação com seu esposo se mostra, em muitas vezes, como permeada ou por um silêncio contundente ou por uma desimportância fulcral. A mulher que Laura representa é submetida a um espaço de nulidade muito interessante, pois ela se assume chata e reconhece que o homem não tem por obrigação ouvi-la, afinal os assuntos dos quais trata são de uma ordem doméstica, sempre “coisas de mulher”. Esse silenciamento é comum na constituição da identidade e da condição feminina em nossa sociedade, como argumenta Butler (2003). A filósofa nos informa que, geralmente, à mulher cabe um universo apático da gestão do lar e isso torna sua identidade docilizada enquanto a do homem é muito mais ligada à sagacidade e à esperteza, o que Lypovetski (1997) também argumenta sobre a constituição do ser mulher em nossa cultura.

Por outro lado, Carlota era muito mais sagaz, esperta e demarcava sua identidade ao ponto de “dar o que falar”. Comprovamos isso ao ler o seguinte trecho:

Não é que Carlota desse propriamente o que falar, mas ela, Laura – que se tivesse oportunidade a defenderia ardentemente, mas nunca tivera a oportunidade – ela, Laura, era obrigada a contragosto a concordar que a amiga tinha um modo esquisito e engraçado de tratar o marido, oh não por ser “de igual para igual”, pois isso agora se usava, mas você sabe o que quero dizer. E Carlota era até um pouco original, isso até ela já comentara uma vez com Armando e Armando concordara mas não dera muita importância. Mas, como ela ia dizendo, de marrom com a golinha... – o devaneio enchia-a com o mesmo gosto que tinha em arrumar gavetas, chegava a desarrumá-las para poder arrumá-las de novo. (LISPECTOR, 2009, p.41-42)(grifos nossos)

Carlota, como percebemos, é uma mulher dos novos tempos, a ponto de Laura suspeitar que o modo como ela falava com o esposo era parecido com ser “de igual para igual”, algo que a personagem descreve com certo desdém. A amiga de Laura é, nesse sentido, seu principal contraponto, pois anuncia a desordem desses lugares sociais estabelecidos, nos quais as mulheres são silêncio, submissão e apequenadas em suas existências. Ali, nos anos 60 em que Clarice Lispector escreveu o conto, já se anunciavam mudanças importantes na constituição do lugar da mulher, afinal, foi na década de 60 que ocorreram algumas transformações que culminaram na virada do pensamento sexual, de gênero e social sobre as mulheres.

No decorrer da narrativa, o contato com as rosas provocou em Laura sentimentos que perturbaram essa ordem que a constitui (o silêncio, a calma, a ordem perfeita). O desejo de ficar com as rosas para si, mesmo depois de mandar a empregada levá-las para Carlota como sinal de gentileza por receber Armando e ela em um jantar mais à noite, nos faz pensar que a doença mental que Laura enfrentou relaciona-se com seu lugar de esposa. A controvérsia da narrativa se dá pela falta de nomeação da doença e também da sua explicação. Há pistas de que, durante a doença, Laura vivera a exuberância de sua liberdade exagerada, da falta de pudor, do descontrole – o que era inadmissível a uma senhora casada.

Ao término do conto, um trecho assinala uma mudança interessantíssima na condição de Laura, logo após Maria, a empregada, levar as rosas para Carlota. Atentemos ao trecho:

Ela estava sentada com o seu vestidinho de casa. Ele sabia que ela fizera o possível para não se tornar luminosa e inalcançável. Com timidez e respeito, ele a olhava. Envelhecido, cansado, curioso. Mas não tinha uma palavra sequer a dizer. Da porta aberta via sua mulher que estava sentada no sofá sem apoiar as costas, de novo alerta e tranquila como num trem. Que já partira(LISPECTOR, 2009,p.53)

Logo após o conflito interno de Laura sobre ficar ou não com as rosas, ou pelo menos com uma, vemos aflorar uma espécie de fagulha de liberdade, um rubor de desordem que desestrutura a sua condição de mulher submissa. Os adjetivos utilizados “luminosa e inalcançável” nos fazem pensar sobre uma posição de mulher empoderada, repleta de vontades e exercendo-as sem temer. O desejo pela rosa

vermelha, a coisa mais linda que Laura já viu e possuiu, fez com que ela deslocasse sua experiência de apatia e desejasse. Seu desejo a fez, imaginamos, viver outras formas de si que nos são apresentadas pela impressão que Armando teve ao vê-la: “de novo alerta e tranquila como num trem. Que já partira.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo se pautou na análise da condição feminina no conto *A Imitação da rosa* de Clarice Lispector, presente na coletânea de contos *Laços de família*. Utilizamos, para isso, o método bibliográfico e uma análise de cunho qualitativo, através da descrição e interpretação do texto literário pelo viés social, tomando como referenciais autores e autoras que versaram sobre a escrita de Clarice Lispector, como Martins (2010), e outros que nos trouxeram apontamentos sobre a condição feminina em nossa sociedade, tais como Butler (2003).

A pergunta que nos orientou no estudo foi: como é representada a mulher brasileira na contística de Clarice Lispector tomando como objeto central o conto “A imitação da rosa”? e pudemos perceber por meio das análises que Laura representa alguns papéis sociais interessantes, dentre os quais destacam-se a esposa silenciada cuja existência é monótona e ligada predominantemente ao lar.

As relações pessoais que constituem a condição da mulher representada no conto apontam para um ser mulher que tem na ordem, na submissão, na falta de arroubos e desejos muito fortes os seus baluartes de segurança. Ser mulher é, assim, representado como ser naturalmente sóbria, sem desejos e sem pertences. A rosa, único desejo abrupto que Laura tem no conto, lhe é tirada por uma necessidade de portar-se pudica, gentil e prestativa perante a sociedade.

Em contraponto, vemos Carlota como uma mulher que anuncia os novos tempos, os novos modos de ser esposa – portando-se, em alguns casos, como igual ao esposo e conversando sem reservas – e ser independente. A amiga de Laura se contrapõe na personalidade, no comportamento, nas vestimentas e inclusive nos desejos, que são mais livres e menos ordeiros.

Diante de nossas análises, percebemos a pungência da escrita de Clarice Lispector para, já nos anos 60, questionar e ironizar os papéis de gênero. É nesse sentido que entendemos que o estudo aqui realizado é apenas um pequeno recorte, um olhar, sobre a contística e sobre *A Imitação da rosa* e, diante disso, sabemos que

outros estudos sobre os aspectos estéticos e também sociológicos podem surgir a partir da leitura atenta dos escritos de Lispector.

REFERÊNCIAS

ALEMBERT, Zuleika. **A mulher na história: a história da mulher**. Editora Omega: Rio de Janeiro, 2004.

BARBOSA, Maria José Somerlate. **Clarice Lispector: des/fiando as teias da paixão**. Coleção Memória das Letras. Porto Alegre: EDIPCRS, 2001.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo 2: a experiência vivida**. Tradução de Sergio Millet. 2.a. edição. Difusão Europeia do Livro: São Paulo, 1967.

BOSI, Alfredo. Clarice Lispector. In: BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1989.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COQUEIRO, Wilma Santos; SEGATO, Maiara Cristina. A identidade existencial feminina no conto “A Imitação da rosa” de Clarice Lispector. **Revista InterteXto**. v,5; n.1. 2012 (p.1-14).

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 7ª.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

GOTLIB, Nádia Batella. “Os difíceis Laços de Família”. In: **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo n.91, Nov. 1994. p. 93-99.

HELENA, Lúcia. **Nem musa, nem medusa: itinerários da escrita em Clarice Lispector**. Niterói: EDUFF, 1997.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminismo. Lisboa: Éditions Gallimard, 1997.

LISPECTOR, Clarice. "A imitação da rosa". In:LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MARTINS, Marcus V.M. A imitação do silêncio: um ensaio sobre o conto "A imitação da rosa" de Clarice Lispector. **Revista Anagrama**. Ano 3; edição 4, São Paulo: 2010. (p.1-15)

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem**: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1989.

VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. **Revista D.E.L.T.A.**. Volume Especial 25, São Paulo: 2005. (p.207-238).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida e por ter me ajudado a vencer todos os obstáculos encontrados durante esses cinco anos de curso.

Aos meus pais, Francisco Izaías Serafim e Maria Honália da Silva Serafim por sempre estarem ao meu lado. Agradeço aos meus irmãos, Izake, Vanderléia, Francisca, por todo apoio dado e em especial ao meu irmão Izaías, pois foi graças a ele que entrei na faculdade e foi por seu incentivo que permaneci e consegui chegar até aqui.

Agradeço a minha avó, Maria do Socorro Silva pelo amor, carinho e compreensão que sempre teve comigo e por todo incentivo aos meus estudos e por ser minha inspiração como mulher, determinada e guerreira.

Ao meu filho, Júlio Everson Serafim da Silva, pela compreensão da minha ausência em decorrência dos meus dias corridos, como também pelo incentivo, quando pensava em desistir ele não me permitia e sempre questionava “mainha você não pode desistir dos seus sonhos” e isso me fazia seguir em frente.

A minha amiga irmã de alma, Janaína, por todo carinho, amor, compreensão e ajuda que foi me dada durante toda essa jornada.

Aos amigos que a faculdade me presenteou, a Cintia Suzany por sua amizade, amizade esta, que começou a ser construída no primeiro dia que fui a UEPB, agradeço por ter sido sempre companheira e por ter me ajudado tanto durante todo esse tempo, a Geovana Aquino agradeço pela ajuda, com seu companheirismo, pois sempre que precisei estava lá, sempre disposta a me ajudar, a Rafaela Linhares por suas palavras doces e por sempre acreditar que eu seria capaz de chegar até aqui, a Jeferson Cruz, por toda ajuda e incentivo que me deu durante essa jornada.

Agradeço também ao pai do meu filho, José Ronaldo, por toda ajuda dada, pois sem seu apoio não teria conseguido chegar até o final.

Aos professores do curso de Letras, em especial ao meu orientador, José Helber Tavares de Araújo o meu agradecimento, pela compreensão, ajuda e contribuição no meu processo de conhecimento acadêmico e como também por serem exemplos de profissionais a seguir.

Agradeço de forma especial às professoras Vanessa Narel Pereira de Sousa e a Maria Karoliny de Lima Oliveira por terem aceitado o convite de fazer parte da banca

examinadora. A todos os funcionários do curso que de forma direta ou indireta contribuíram na minha caminhada acadêmica, o meu agradecimento.

A todos e todas, meu profundo e sincero agradecimento.